

**OS *FRAMES* NOS PROTESTOS CONTRA A CORRUPÇÃO DO
MENSALÃO E DA LAVA JATO**

43º Encontro Anual da Anpocs
SPG19 Movimentos Sociais e Contramovimentos no Brasil contemporâneo:
confrontos políticos, repressão e resistências
Larissa Pereira de Melo | lapemelo@gmail.com

Resumo

O objetivo da pesquisa foi analisar os frames das manifestações anticorrupção do Mensalão e da Lava Jato. Filtrei as notícias de protestos através do banco de dados “Confronto político no Brasil (1998-2016)” e em seguida fiz uma análise de conteúdo das imagens relacionadas aos escândalos de corrupção. A investigação sobre os frames apontaram dois resultados: (1) houve uma diferença de postura na abordagem da oposição em relação aos presidentes em exercício, já que Rousseff foi atacada mais diretamente nos frames, enquanto Lula foi associado apenas de forma oblíqua a corrupção e (2) houve uma mudança na relação entre Partido dos Trabalhadores e corrupção, pois essa associação foi de aproximadamente 90% em 2015, ao passo que foi de 52% em 2005. Isso pode indicar uma maior capacidade de articular símbolos que pode ter feito a diferença em prol da massificação dos protestos anticorrupção em 2015.

1. Introdução

Delação premiada, Delcídio do Amaral, medidas contra a corrupção, Romero Jucá, Reforma Política, Aécio Neves, empreiteiras e os protestos contra a corrupção são alguns dos elementos comuns em duas crises no Brasil, a do Mensalão e a da Lava Jato.

O Mensalão veio à tona em maio de 2005 quando o deputado Roberto Jefferson denunciou a *Folha de São Paulo* um esquema do governo de compra de votos de parlamentares por meio de um pagamento de mesada. Desde 2004 o Partido dos Trabalhadores (PT) não conseguia emplacar uma base estável no Congresso Nacional e para piorar o preterido pela base aliada, Severino Cavalcanti (PP-PE), se elegeu presidente da Câmara dos Deputados. Em seguida, a denúncia do Mensalão colocou o governo Lula em uma posição crítica. Envolvidos no escândalo, o presidente do PT renunciou, o tesoureiro do partido perdeu força política, ministros e funcionários de estatais foram afastados de seus cargos e o “homem forte” de Lula, José Dirceu, foi cassado.

O ano de 2015 não foi menos conturbado. A presidente Dilma que se reelegeu com uma margem de votos apertada, governava sob a sombra da Operação Lava Jato. Não bastasse a oposição ter pedido a impugnação da chapa de Dilma, no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) depois das eleições, em fevereiro, Eduardo Cunha (PMDB-RJ) ganhou a presidência da Câmara piorando clima de instabilidade no governo. A prisão de condenados no mensalão e a do líder do governo no Senado, a renúncia de diretores da Petrobrás, delações premiadas envolvendo Dilma e a crise econômica acirravam cada vez mais a situação. Em novembro do mesmo ano, Cunha autorizou a abertura do impeachment contra a presidente que foi afastada definitivamente em agosto de 2016.

As semelhanças entre os dois contextos políticos são evidentes. Os anos de 2005 e 2015/2016 contaram com crises políticas provocadas por escândalos de corrupção. Nos dois momentos, a fraqueza do Estado abriu oportunidades para a oposição, que somada eleição presidentes da Câmara refratários, ajudava a ampliar a crise. A oposição em 2005 tentou “sangrar” o governo até as eleições de 2006 e no período de 2015/2016 atuou para remover a presidente.

No entanto, as diferenças entre a conjuntura do Mensalão e da Lava Jato também são relevantes, as que mais se destacam são: a adversidade do contexto do Mensalão para a ação, em contraste com o cenário favorável da Lava Jato. No ano de 2005, apesar da crise política, a economia permanência relativamente estável, houve aumento da política de transferência de renda e do salário mínimo, com uma política de juros altos (Barbosa & Souza, 2010). Já em 2015/2016, o Brasil não só enfrentava uma grave crise política, como uma forte recessão e na política institucional, os escândalos culminaram em realinhamentos políticos de naturezas opostas: o de 2005 permitiu a formação de uma coalizão lulista (Singer, 2012) e o segundo governo Dilma resultou em uma debandada da coalizão governista (Boito Jr., 2016).

Diante desse cenário de convergências e divergências intrigantes, destaco o âmbito da ação coletiva que, motivados pelos escândalos de corrupção, irromperam às ruas.

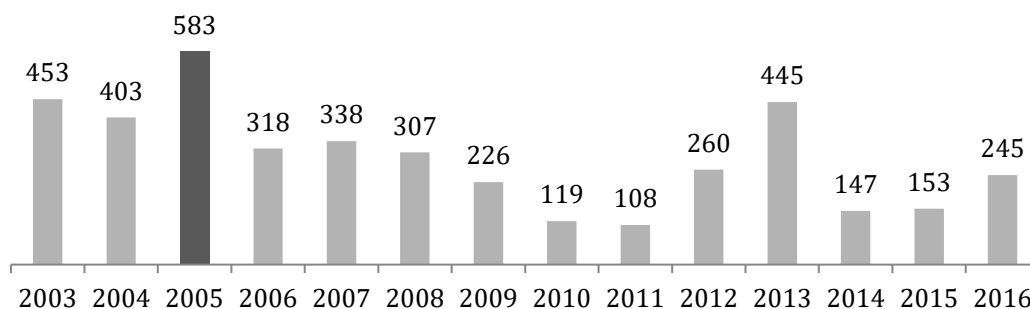


Gráfico 1. Número de ocorrência de protestos em números absolutos de 2003-2016. Fonte: banco de dados “O confronto político da ascensão à crise dos governos petistas (2003-2016)” produzido pelo Nepac/Cemarx. *Os dados de 2003 a 2010 ainda não foram consolidados e podem conter dados duplicados ou *missings*, por exemplo. Decidi apresentá-los para ilustrar o contorno dos protestos.

A ocorrência de protestos no ano de 2005 aparece de forma surpreendente¹ na série histórica (Gráfico 1), o ano do Mensalão é o que concentra o maior número de ocorrência dos últimos 14 anos. Como mostrei em pesquisa anterior, uma parte desse número de ocorrências é relativo ao Mensalão que concentrou nos meses de julho, agosto e setembro aproximadamente 30%

¹ A expectativa é que o fosse o ano de 2013 que estivesse nessa posição, uma vez que, é apontado por grande parte bibliografia como o ciclo de protestos mais importante dos últimos 26 anos no Brasil.

dos protestos. No total, aquele ano contabilizou 55 eventos protestos relacionados diretamente ao escândalo.

Já nos anos de 2015/2016, o fenômeno de protestos contra a corrupção reapareceu de forma ainda mais significativa. As manifestações que foram convocadas principalmente pelo Movimento Brasil Livre (MBL), Vem Pra Rua (VPR) e Revoltados Online mudaram o patamar das manifestações no Brasil (Tatagiba, 2017) ao levar às ruas, em março de 2015 e em março de 2016, segundo a Polícia Militar, 2,4 e 3,6 milhões de pessoas em todo o Brasil, respectivamente ².

Em suma, o ano de 2005 não contou com alta capilaridade ou com mobilizações densas. Ainda assim, 2005 obteve com o maior número de ocorrências da série histórica e as manifestações em torno do Mensalão mostraram, ao menos, uma vontade dos empreendedores dos protestos em transformar o tema da corrupção em protesto de rua. Esse fenômeno de demonstrações, relacionado a corrupção, voltou com força em 2015. Portanto, o foco desse estudo é a comparação dos protestos anticorrupção nesses dois períodos.

1.2. Objetivo e hipótese

O que a observação do perfil das ruas em 2005 e 2015/2016 nos mostra é que a luta contra a corrupção aparece nos dois momentos, mesmo apresentando capilaridade, efetividade e contornos diferentes. No entanto, a pouca literatura produzida na área de movimentos sociais sobre relação entre corrupção e protesto no período não ajudam a refletir sobre os contornos dessa relação. Precisei, então, buscar fontes em outras subáreas da ciência política e encontrei dois apontamentos que, através do contexto, forneceram a base da hipótese apresentada.

O estudo de Martuscelli (2016, p. 18), que analisou a natureza da luta contra a corrupção nas crises do governo Collor, na do mensalão e na do governo Rousseff, apontou que na crise de 2005 houve uma blindagem do presidente e dos membros do PT diante das denúncias: “Nenhuma força política relevante foi

² <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contra-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>

capaz de tomar as ruas para exigir o *impeachment* de Lula. A reivindicação do *impeachment* não apareceu nem mesmo nas páginas dos principais editoriais dos jornais brasileiros”.

O outro apontamento partiu dos textos de Miguel e Coutinho (2007, p. 119 - grifo meu). Segundo os autores, que analisaram os editoriais de jornais brasileiros durante o escândalo do mensalão,

A maior presença de editoriais que sugerem “evitar crise institucional” e “evitar imobilismo do governo” – isto é, medidas que visam garantir a continuidade da ação governamental –, por sua vez, sinalizava para uma posição mais cautelosa no enfrentamento com Lula.

Nesse sentido, os autores apontam para a mesma direção em relação a direção do escândalo no governo Lula: a preservação do presidente. Porém, Martuscelli (2016) defende a posição de houve uma blindagem do presidente diante das forças políticas existentes, enquanto Miguel e Coutinho (2007) jogam luz sobre uma posição de cautela dos editoriais brasileiros.

No que se refere ao escândalo relacionado a Lava Jato há, ao menos, uma reflexão que relaciona corrupção e protesto. O trabalho de Tatagiba (2017) aponta que nos protestos da “direita” os alvos dos protestos eram mais diretos, pois eram ora contra Dilma, Lula e o PT, ora pedindo expressamente o *impeachment* da presidente.

Sendo assim, a literatura sugere que houve uma diferença entre a postura para com o Lula e com Rousseff nos momentos de escândalos.

Para investigar essa diferença de postura recorri a dimensão simbólica dos protestos, uma vez que, através da fonte que disponho é possível quantificar as dimensões de blindagem, cautela e ataques diretos aos presidentes. Como representação simbólica, optei por investigar do ponto de vista dos *frames*³ contra

³ Para Tarrow (2009), *frames* é aquilo que “simplifica e condensa” o mundo lá fora, salientando e codificando objetos, situações, eventos presentes no futuro ou no passado. Alguns exemplos de *frames* são “Fora Temer”, “Fora corruPTos”, “O gigante acordou”, etc. Nesse trabalho, estou usando um sentido mais flexível para entende *frame*, já que poucos se repetem com essa formalidade na fonte de dados que escolhi. No sentido que estou usando, categorizei por famílias que tem o mesmo sentido, logo “Fora Temer” e “Vaza Temer”, por exemplo, são codificados na mesma família.

a corrupção. A hipótese é que os *frames* vinculados aos protestos contra o mensalão serão mais difusos, sem apresentar relação direta que associe Lula à corrupção; enquanto que os *frames* contra o governo Rousseff serão diretos, ou seja, farão relação da presidente com a corrupção e, ainda, terão uma pauta específica: o *impeachment*.

2. Metodologia

Para verificar a hipótese, filtrei do banco de dados “O confronto político da ascensão à crise dos governos petistas (2003-2016)” os protestos anticorrupção cuja temática era Mensalão (período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005) ou Lava Jato (período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2015)⁴. O banco é produzido pelo Nepac/ Cemarx e coordenado pelas professoras Luciana Tatagiba e Andréia Galvão, do qual participo na coleta dos dados. O método de coleta é o da Análise de Evento de Protestos (Hutter, 2014) e utilizamos a *Folha de São Paulo* como fonte como uma base nacional e diária⁵.

No banco captamos “eventos de protesto” que são ações coletivas que envolvem mais de uma pessoa, na qual indivíduos coletivamente fazem reivindicações ou expressam queixas em nome de um movimento, organização de movimento ou categoria social. Para exemplificar, os critérios da nossa definição de “evento de protesto” incluem: *tempo*, porque o evento de protesto deve ter a mesma data de início e durar sem interrupções e ainda o *conteúdo da demanda semelhante*, pois partilhar do mesmo objetivo principal é condição necessária para ser contado como evento único, mas excluimos território como condição. Estar no mesmo território não é condição para ser considerado evento único.

Após a filtragem, fiz a Análise de Conteúdo dos *frames* presentes nas imagens que foram veiculadas na *Folha de São Paulo*. Neuendorf (2002, p. 10) define essa metodologia como:

Content analysis is a summarizing, quantitative analysis of messages that relies on the scientific method (including

⁴ Tive que limitar o período para adequar ao tempo disponível que tive para a classificação dos dados.

⁵ Para mais detalhes sobre o banco cf. Tatagiba (2017).

attention to objectivity-intersubjectivity, a priori design, reliability, validity, generalizability, replicability, and hypothesis testing) and is not limited as to the types of variables that may be measured or the context in which the message are created or presented.

Para fazer a pesquisa, criei códigos para medir a diferença de conteúdo que apareceram na mídia pesquisada com base em uma pré-análise dos dados. Na etapa da análise em si, o objetivo foi procurar por padrões nos códigos. As categorias que criei não são excludentes e a minha unidade é a frase (que representa o *frame*). Criei os seguintes códigos no Atlas.ti:

CÓDIGOS DE CLASSIFICAÇÃO DOS <i>FRAMES</i>
Sem referências à corrupção: nada relacionado a corrupção aparece na imagem.
Contra a corrupção em geral: quando a palavra corrupção aparece sem associação com atores na mesma frase ou cartaz; ou só a palavra corrupção é legível. Não há associações aparentes com algum político.
Contra a corrupção abstrata: o fator de ser contra a corrupção aparece de forma abstrata. Sem menções forma diretas (dinheiro, faxina, cheque, palhaço, apito, etc).
Mensalão: quando existe menção ao Mensalão de forma isolada ou acompanhada de outras palavras.
Lava Jato: quando existe menção à Lava Jato de forma isolada ou acompanhada de outras palavras.
Corrupção do PT: quando a palavra corrupção está associada diretamente ao PT (Exemplo: Fora CorruPTos).
Contra a corrupção do governo: quando corrupção aparece associada à membros do governo, mas que não se referem a eles por nome ou por foto.
Corrupção de Lula: quando Lula é associado à corrupção, mas não pedem diretamente a saída dele (Exemplo: Lula Corrupto, Lula sabia).
Corrupção de Dilma: quando Dilma é associada a corrupção, mas não pedem diretamente a saída dela.
Fora Todos: que peça a saída de todos os partidos/ parlamentares sem distinção.
Fora outros membros do governo: por exemplo, fora Temer no governo Dilma.
Fora Lula ou frames correlatos: que peçam a saída direta do presidente Lula, mas sem mencionar <i>impeachment</i> de forma direta.
Fora Dilma ou frames correlatos: que peçam a saída direta da presidente Dilma, mas sem mencionar <i>impeachment</i> de forma direta.
Intervenção militar: que peçam intervenção militar.
Lula: ocorre foto ou nome sozinho em algum material ou só essa palavra é legível. Não associado à corrupção.
Dilma: ocorre foto ou nome sozinho em algum material ou só essa palavra é legível. Não associado à corrupção.
PT: ocorre sozinho em algum material ou só essa palavra é legível.
Outros frames: por exemplo, contra o desarmamento e frames religiosos.

3. Resultados

3.1. Captação

O banco de dados nos mostrou 55 “ocorrências de protestos” cujo objetivo envolvia o Mensalão, desses protestos, captei 70 imagens (porque em uma página podia haver mais de uma imagem, se aconteceu em mais lugares – outras cidades/ bairros – ou o jornal optou por colocar duas fotos do mesmo evento). Em 2015, os protestos contra a corrupção foram 42 ocorrências, desse universo, captei 35 imagens.

3.2. Frequência de protestos

Nos dados sobre frequência dos protestos, em 2005 (Gráfico 2), destacam-se as demonstrações com foco na “Corrupção em geral” (que aparece 28 vezes), as imagens que apareceram “Sem referências à corrupção” (20) e as que tiveram “Outros frames” (18). Esses três são os frames mais gerais na codificação. O *frame* melhor colocado que associa Lula à corrupção (“Corrupção de Lula”), aparece apenas na 6ª posição, os outros dois na 9ª (“Fora Lula”) e na 11ª posição (“Impeachment”).

Interpretando os dados à luz da hipótese de que Lula foi blindado no escândalo do Mensalão, acredito que não é possível afirmar que houve de fato uma blindagem, a tese de que houve cautela ao associar Lula à corrupção faz mais sentido.

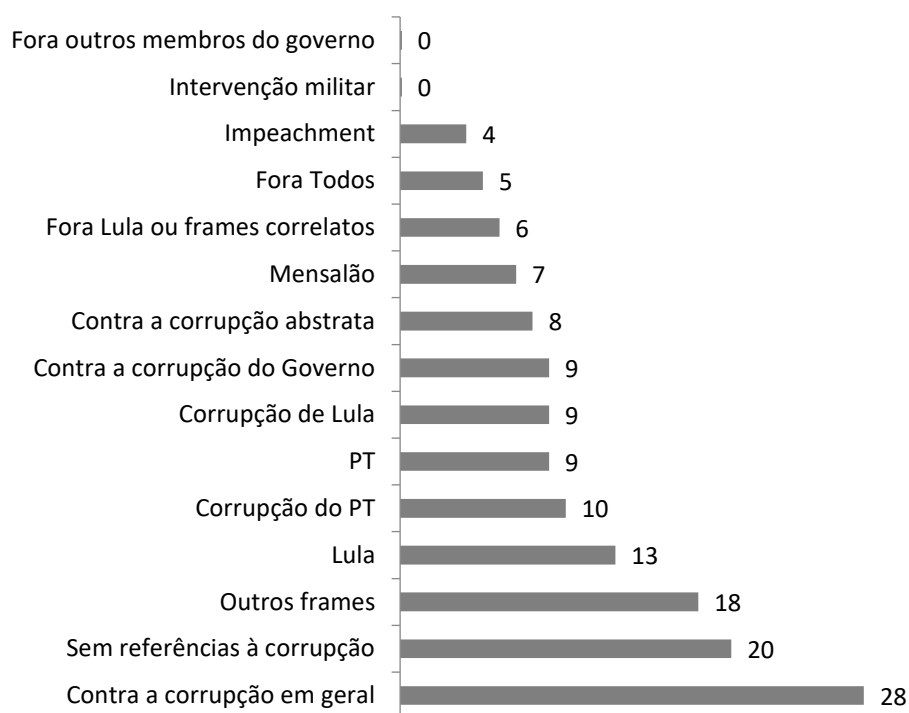


Gráfico 3. Frequência de códigos em imagens anticorrupção do Mensalão.

Os dados sobre a frequência dos protestos anticorrupção no período da Lava Jato (Gráfico 4) apresenta algumas diferenças fundamentais. Em primeiro lugar, o *frame* contra a “Contra a corrupção em geral” que é o mais citado em 2005, nem aparece em 2015. Neste ano, os *frames* mais citados são “Contra a corrupção abstrata” e “Outros frames”. Já os de ataque mais diretos à Dilma aparecem na 4^a (“Impeachment”), na 5^a (“Fora Dilma”) e na 6^a posição (“Corrupção de Dilma”). Sendo o mais agressivo deles, o *impeachment* (pois pede a saída da presidente e diz o “como”) o mais bem colocado. Em outras palavras, Dilma não foi poupada.



Gráfico 4. Frequência de códigos em imagens anticorrupção da Lava Jato.

Os dados corroboram com a hipótese de que em 2005 a corrupção aparece de forma mais dispersa e, em 2015, de forma mais específica associada à Dilma Rousseff. No entanto, essa especificidade não parece estar associada apenas a presidente, o PT também aparece de forma diferente: em 2005, ora o PT apareceu em *frames* relacionados a corrupção (“Corrupção do PT”), ora apareceu sem menções a corrupção (“PT”); em 2015, isso não ocorreu: o “PT” apareceu sozinho apenas uma vez e, em todas as outras, apareceu no *frame* de (“Corrupção do PT”).

A “Corrupção abstrata” ter aparecido em primeiro lugar em 2015 foi uma surpresa, porém, é completamente compreensível, pois mostra a capacidade dos desafiantes de articular os símbolos para além do *frame*, o que não aconteceu de forma tão expressiva em 2005. Em 2015, as imagens que mostram bonecos infláveis, símbolos patriotas e o predomínio da cor verde e amarela são facilmente associados à corrupção. Já no período do Mensalão, há uma articulação semelhante com verde e amarelo, bandeira do Brasil, apitos, nariz de palhaço, mas esses símbolos aparecem misturados com outros como perucas coloridas,

roupas pretas e vermelhas, bandeiras de partidos e organizações. Isto é, os protestos contra a corrupção da Lava Jato foram mais precisos em sua construção simbólica.

4. Conclusão

Com base na literatura, construí hipóteses acerca dos frames dos protestos anticorrupção do Mensalão e da Lava Jato. A primeira delas é de que os frames no governo Lula expressariam um tipo de blindagem ou cautela ao relacionar o presidente ao escândalo de corrupção e isso, seria diferente dos frames do escândalo do governo Rousseff, já que ela seria atacada mais diretamente.

Os resultados apresentados corroboram com a hipótese, embora acredite que em relação ao governo de Lula houve cautela em relacioná-lo com a corrupção, mas não uma blindagem em si. Ademais, a frequência de protestos ocorridos em 2005 parece apontar para a corrupção como uma pauta difusa, já em 2015 esse quadro parece diferente, pois nesse momento as manifestações apareceram mais focadas no Partido dos Trabalhadores e na figura da presidente. Nesse sentido, os protestos da Lava Jato parecem ter sido melhores enquadrados simbolicamente, ao oferecer um alvo melhor definido e uma construção simbólica para além de *frames* e isso pode indicar uma maior capacidade de articular símbolos que pode ter feito a diferença em prol da massificação dos protestos anticorrupção em 2015.

5. Referências Bibliográficas

Barbosa, N., & Souza, J. A. P. (2010). A Inflexão do Governo Lula: Política Econômica, Crescimento e Distribuição de Renda. In E. Sader & M. A. Garcia (Orgs.), Brasil: entre o Passado e o Futuro. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo e Editora Boitempo.

Boito Jr., A. (2016). A crise política do neodesenvolvimentismo e a instabilidade da democracia. *Crítica Marxista*, 42, 155–162.

Corrigall-Brown, C. (2013). A Practical Introduction to Content Analysis - YouTube [Western University]. Recuperado 28 de junho de 2018, de <https://www.youtube.com/watch?v=HUKPf00Z1Ms>

Feres Júnior, J., & Sassara, L. de O. (2016). O terceiro turno de Dilma Rousseff. *Saúde em Debate*, 40(spe), 176–185. <https://doi.org/10.1590/0103-11042016s15>

Hutter, S. (2014). Protest Event Analysis. In D. Della Porta (Org.), *Methodological Practices in Social Movement Research* (p. 335–367). Oxford: Oxford University Press.

Martuscelli, D. E. (2016). As lutas contra a corrupção nas crises políticas brasileiras: 1992, 2005, 2015. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, Uberlândia, 6(2).

Melo, L. (2017). Os impactos do lulismo nos padrões de protesto no Brasil: uma abordagem exploratória (2003-2010). Relatório de Iniciação Científica, (mimeo).

Miguel, L. F., & Coutinho, A. de A. (2007). A crise e suas fronteiras: oito meses de “mensalão” nos editoriais dos jornais. *Opinião Pública*, Campinas, 13(1), 97–123.

Neuendorf, K. A. (2002). *The Content Analysis Guidebook*. SAGE.

Singer, A. (2012). *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo, SP: Cia. das Letras.

Tarrow, S. (2009). *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Tatagiba, L. (2017). Os protestos e a crise brasileira. Um inventário inicial das direitas em movimento (2011-2016). *Revista Sinais Sociais*, 11, 71–98.

Tatagiba, L., Trindade, T., & Teixeira, A. C. (2015). Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In S. Velasco e Cruz, A. Kaysel, & G. Cudas (Orgs.), *Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo.